

APRESENTAÇÃO
DOSSIÊ DARWINISMO E FILOSOFIA

Wilson Antonio Frezzatti Jr.

O ANO DE 2009 E A BIOLOGIA



O ano de 2009 é repleto de significados para a Biologia. Nele ocorrem os duzentos anos do nascimento de Charles Darwin e os cento e cinquenta anos da publicação de sua obra capital, *A origem das espécies (The origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life)*. Darwin e sua obra, sem dúvida, são marcos axiais da ciência biológica, mas não devemos deixar de lado outra efeméride: os duzentos anos da publicação de *Filosofia zoológica (Philosophie zoologique)*, de Jean-Baptiste Lamarck, outro marco fundamental da Biologia, anterior ao de Darwin e um pouco esquecido. Vários eventos, no mundo inteiro, ocorrem neste ano para comemorar e debater esses importantes e significativos acontecimentos.

A Biologia enquanto disciplina científica surge apenas no século XIX. Anteriormente, seus objetos estavam nas mãos de médicos, boticários, botânicos e geólogos (que realizavam o estudo da Terra, inclusive dos seres vivos que habitam sua superfície), entre outros. O início do século XIX

assiste a um grande desenvolvimento do estudo dos seres vivos: a evolução, a bioquímica, a regulação fisiológica, a embriologia, a histologia e a citologia surgem ou consolidam-se. O termo “biologia”, em seu significado atual, foi criado em 1800 pelo fisiologista alemão Karl Friedrich Burdach. Gottfried Reinhold Treviranus, em *Biologia ou filosofia dos viventes (Biologie, oder Philosophie der Lebenden Natur, 1802)*, usa a palavra para designar a ciência que unifica as coisas vivas; em suas palavras: “Semelhança de aspecto no funcionamento desigual do mundo externo é o caráter distintivo da vida”. Jean-Baptiste Lamarck, nesse mesmo ano, utilizou o termo “biologia” para indicar a continuidade entre os mundos animal e vegetal e a necessidade de unificar os seus estudos. O trabalho de Lamarck, além de sua teoria da evolução, foi importante para reivindicar a unificação dos estudos sobre os seres vivos, o que propiciou à biologia tornar-se uma disciplina independente. Esse trabalho de consolidação da Biologia teve seus primeiros e mais importantes impulsos nas obras lamarckianas, especialmente *Filosofia zoológica e História natural dos animais invertebrados (Histoire naturelle des animaux sans vertèbres, 1815-1822)*. Lamarck não foi somente um dos primeiros a utilizar a palavra “biologia”, mas um dos primeiros a compreender a Biologia como uma ciência autônoma, como um estudo da vida e dos seres vivos (animais e vegetais), ou seja, como um estudo das características comuns que distinguem definitivamente os seres vivos do mundo inorgânico.

Charles Darwin também contribuiu muito para a consolidação da Biologia enquanto disciplina científica independente. No entanto, a repercussão de seus trabalhos sobre a evolução, embora não tivessem sido os primeiros, ultrapassou os limites da discussão científica. A teoria darwiniana da evolução conseguiu mudar a visão que o homem tinha sobre si próprio. De maneira análoga a Copérnico e Galileu, que retiraram a Terra do centro do universo e a transformaram num planeta como os outros, o pensamento darwiniano arranca o homem do centro da criação, pois, agora, a espécie humana é mais uma entre as outras, originando-se do acúmulo de modificações em espécies anteriores através da preservação de variações por seleção natural.

A origem das espécies, dessa forma, extrapolou o âmbito científico, fazendo com que Darwin fosse acusado de ateísmo, imoralidade, materialismo e radicalismo social. Entretanto, há também exagero por parte de seus seguidores: o biólogo inglês é considerado por alguns herói da ciência, o Newton da Biologia, defensor das luzes contra as trevas, líder da liberdade contra o conservadorismo, etc. A palavra “darwinismo” não surgiu com o aparecimento de *A origem das espécies* e nem foi cunhada pelo próprio Darwin, o qual frequentemente falava de sua teoria como a teoria da descendência com modificação por seleção natural. O termo “Darwinismo” foi criado pelos seus seguidores, assumindo vários significados dependendo de onde e por quem era utilizado.

As questões acerca do Darwinismo, após cento e cinquenta anos do surgimento da teoria de Darwin, não cessaram. A união da teoria da evolução com a genética e o desenvolvimento da geologia resolveram alguns problemas apontados pelo próprio Darwin, como a transmissão dos caracteres e a idade da Terra, mas outros surgiram. Aspectos originais dos textos darwinianos ainda são pouco estudados, o que faz com que haja confusão entre o que o próprio Darwin escreveu e a condição atual da teoria da evolução. Em cento e cinquenta anos de desenvolvimento da Biologia, a teoria de Darwin não se manteve conforme a idealizada em 1859. Sendo assim, é correto chamar a teoria atual da evolução de Darwinismo? Afinal, o que é Darwinismo? O chamado Darwinismo social e suas sinistras derivações, a eugenia e o racismo, eram apoiados pelo próprio Darwin? Qual o caráter científico da teoria darwinista? A teoria do *designer* inteligente, que para alguns é uma reedição do criacionismo, resolve as “incoerências” do Darwinismo? Essas e outras questões mostram que a teoria da evolução, seja na sua forma original, seja na sua forma hodierna, suscitam debates que não devem se ater apenas aos cientistas. As recentes propostas de utilização da história da ciência no ensino de ciências também têm estimulado a discussão sobre o evolucionismo. Dessa forma, justificamos a produção deste dossiê “Darwinismo e Filosofia”: não apenas pelas efemérides, mas principalmente pela grande atualidade e relevância dos problemas levantados pelas reflexões sobre a teoria da evolução. O dossiê

traz algumas expressivas amostras de como a Filosofia pode contribuir nesse debate.

O professor Gustavo Caponi (UFSC), em seu artigo *Historia del ojo: Nietzsche para darwinianos; Darwin para nietzscheanos*, discute uma afinidade metodológica existente entre o evolucionismo darwiniano e a genealogia da moral nietzschiana: a mudança de função durante o desenvolvimento de uma estrutura. Com isso, o autor aponta noções comuns de finalidade e de história existentes nos dois autores: apesar das críticas que o filósofo alemão direciona contra o naturalista inglês, há pontos em comum entre os dois.

Em *O evolucionismo como princípio organizador da Biologia*, os professores Marcos Rodrigues da Silva (UEL) e Edmara Silvana Jóia Zamberlan enfocam a presença do darwinismo no ensino de Biologia. Para os autores, o conceito de evolução é mal compreendido pelos alunos porque sua amplitude não é totalmente revelada nos livros didáticos. O evolucionismo deveria ser compreendido, no ensino da Biologia, não apenas como mais uma teoria, mas como um princípio organizador da disciplina.

O professor Waldir Stefano (Mackenzie) apresenta-nos as concepções de um eugenista brasileiro no início do século XX em *Octávio Domingues: concepções sobre miscigenação no contexto eugênico*. Nessa época, discutia-se, também no Brasil, se a mistura de raças favoreceria a formação de um povo ou se seria causa de sua degeneração. A introdução das noções da genética mendeliana na discussão é uma das características que diferenciam a proposta de Domingues daquela de outros eugenistas brasileiros.

Em *Os sentidos do Darwinismo*, o professor Wilson Antonio Frezzatti Jr. (UNIOESTE), aponta a dificuldade de se entender o Darwinismo de uma forma unívoca. A multiplicidade de sentidos revela o impacto da teoria de Darwin e seus variados desdobramentos. Entre outras variações, darwinismo significou evolucionismo, teoria da evolução por seleção natural, darwinismo social, metodologia científica, visão de mundo e anticriacionismo.